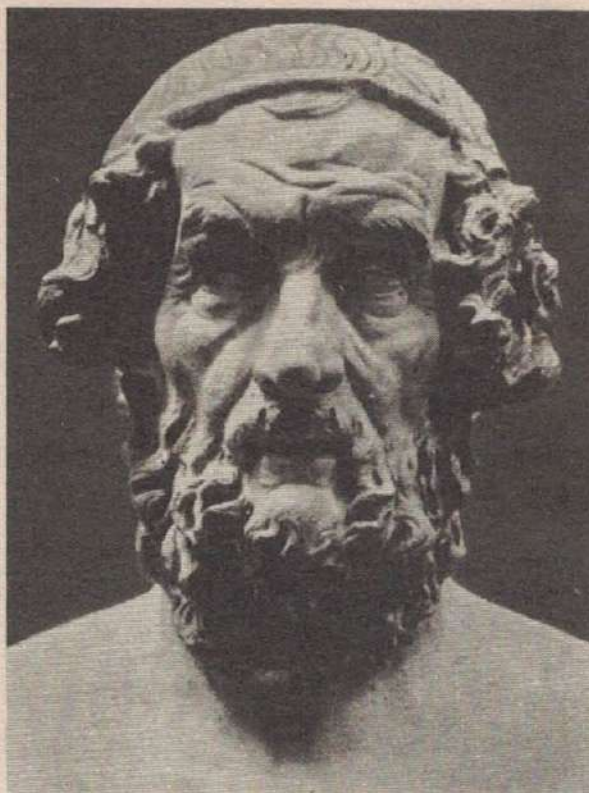




HOMERO

Pai de todos os Poetas

*Situadas no princípio de
tôda a literatura
ocidental, as epopéias do
grande bardo grego têm sido
uma fonte de inspiração
e prazer para milhões
incontáveis de pessoas
através dos séculos*

ERNEST O. HAUSER

N^O ALTO de uma colina perfumada de tomilho, na ilha grega de Io, num recente dia de verão, um pastor esfarrapado guiou-me até ao «Túmulo de Homero». Não havia muito que ver, um quadrilátero desmantelado de pedras antigas. Mas em tôda a minha volta estava o azul do Mar Egeu e o azul mais claro do céu mediterrânico. Os mastros de dois ou três valentes barcos de pesca moviam-se preguiçosamente no horizonte. Não importava se essas pedras assinala-

vam realmente o lugar de repouso do grande poeta, como afirmava a lenda local. Esta era ainda a Grécia de Homero, o seu espírito imortal ainda pairava sobre este local, há tanto tempo consagrado.

Embora os historiadores não tenham conseguido localizar o homem nas brumas da Antiguidade, muitos eruditos aceitam hoje o fato de que Homero realmente existiu. Dois poemas monumentais, a *Ilíada* e a *Odisséia*, constituem a obra da sua vida. Escritos como dois «fascículos» de uma única saga, falam de uma força expedicionária grega que sitiou a cidade de Tróia — ou Ílion — na Ásia Menor, e, depois, da sua queda, da viagem de um dos gregos, Ulisses, de volta ao seu reino insular, Ítaca.

Usando Homero como guia, o arqueólogo amador alemão Heinrich Schliemann identificou o local da cidade perdida de Tróia em 1868 e provou que a *Ilíada* tinha uma sólida base histórica.

Situadas no princípio de toda a literatura ocidental, as duas obras homéricas têm sido traduzidas, em prosa e verso, para quase todas as línguas conhecidas, e ecos do seu mundo maravilhoso têm inspirado gerações de poetas e escritores. Falar em «comedor de lótus» ou em uma «sereia», em satisfazer «gregos e troianos», chamar as aventuras de alguém de «odisséia», é citar Homero, mesmo que a pessoa não se dê conta disso.

O poeta nunca fala de si mesmo na dupla epopéia. E, embora tenham

sido escritas muitas biografias de Homero, são tão longas em lendas e tão curtas em fatos que quase nada sabemos dele. Nada menos de sete cidades reivindicam a honra de terem sido o seu berço. Pesquisas modernas, analisando a sua mistura de dois ou três estilos de grego antigo, indicam que ele deve ter vivido na costa leste do Mar Egeu, em Esmirna (Izmir da Turquia moderna) ou na próxima ilha grega de Quios. Ele escreveu na segunda metade do século VIII a.C., mas o seu material foi extraído de um passado muito mais remoto.

Sabemos agora que a esplêndida civilização grega que Homero canta, com o seu grande poderio militar, foi aniquilada por uma série de desastres logo depois da vitória em Tróia, mais ou menos em 1230 a.C. Foi sucedida por uma idade sombria, que viveu das suas recordações heróicas, transmitidas de uma geração a outra por menestrelis ambulantes e bardos de aldeia. Homero iria ser o historiador dessas recordações.

Pouco antes do nascimento dele, os gregos tinham aprendido a escrever. Apropriando-se do alfabeto fenício, brilhantemente o adaptaram à sua própria língua. Pela primeira vez, um grego pôde registrar exatamente os seus pensamentos e emoções, escrevendo com um cálamo em uma folha de papiro ou pele de carneiro, em vez de riscar penosamente vagos sinais silábicos em tabuinhas de argila. A nova técnica adaptava-se admiravelmente à tarefa

que Homero se propusera: fundir a tradição dispersa, porém viva, do seu povo numa narrativa completa e coerente.

Como poucos dos seus compatriotas sabiam ler, Homero escreveu para ser recitado por artistas profissionais, conservando provavelmente um texto básico que podiam estudar. Contudo, a sua história em hexâmetros tradicionais, um verso musical de seis pés, sem rima, ligeiramente saltitante, deu aos seus contemporâneos algo que podiam facilmente guardar na memória.

A *Iliada* foi criada primeiro. Com a habilidade natural do dramaturgo inato, Homero comprime o longo cerco de Tróia em 51 dias tensos e ansiosos. O auditório deveria preencher as lacunas. Todo o grego sabia que Páris, príncipe estróina de Tróia, tinha fugido com a mulher mais bela do mundo, Helena, casada com Menelau, Rei de Esparta, e que o irmão dêste, Agamênon, conduzira uma poderosa força grega através do mar para fazer guerra a Tróia e trazer Helena de volta. Quando a cortina se levanta, a guerra já está em seu décimo ano e nenhum resultado final está à vista.

Os personagens de Homero são super-homens, mais fortes e mais valentes do que «são hoje os mortais». Alguns deles têm até um ou dois parentes entre os deuses. Homero não traça nenhuma linha entre «mocinhos» e «bandidos». O seu profundo humanitarismo o faz ver apenas seres humanos onde outros poderiam ver amigos e

inimigos. Êle nos faz rir e chorar a seu bel-prazer, transforma personagens inertes em seres humanos de sangue quente, que agem por seus próprios impulsos, desafiando o destino e marchando para a glória ou para a perdição.

Em uma das cenas mais comovedoras, Heitor, o bravo filho de Príamo, Rei de Tróia, despede-se de sua mulher, Andrômaca, antes de outro dia de luta renhida.

— Tenha piedade, não vá — implora ela — para que seu filho não fique órfão e eu viúva!

— Mulher — responde Heitor — eu deveria me envergonhar se fugisse da luta como um covarde.

Mas êsse suporte da defesa de Tróia sabe que o seu lado não pode ganhar e que êle está condenado. Lamenta por Andrômaca e imagina-a arrastada à servidão. Quando se aproxima do bebê, o meninozinho fica amedrontado com o enorme elmo de plumas do pai. Os pais começam a rir.

Em contraste com êsse troiano admirável, o herói grego Aquiles é representado como irritadiço, implacável, arrebatado. Mal-humorado na maior parte da *Iliada*, conserva-se afastado da batalha até que o seu melhor amigo, Pátroclo, é morto por Heitor. «Brilhando como um sol», numa nova armadura talhada por um deus, avança como um vingador terrível, trucidando troianos à direita e à esquerda, até cair sobre Heitor.

No encontro final e culminante da *Iliada*, Aquiles persegue Heitor

a pé três vêzes em volta dos muros da cidade. Afinal, chocam-se num corpo-a-corpo desesperado. Aquiles mata o seu inimigo e, como um louco furioso, amarra o corpo ao seu carro de guerra e arrasta-o de volta do campo grego.

Mas a mestria de Homero não nos deixa o sabor de triunfo brutal. No último capítulo do livro, vemos o Rei Príamo de joelhos diante de Aquiles. Beijando suas «terríveis mãos assassinas», o rei de cabelos brancos suplica-lhe que entregue o corpo de Heitor para um funeral decente. E o violento Aquiles toma a mão do ancião, e por um momento, antes de generosamente atender ao seu pedido, choram juntos, cada um por seu morto. Nas últimas linhas do poema, assistimos ao funeral solene de Heitor, sabendo que (o poeta continuamente nos faz lembrar isso) cedo chegará a vez de Aquiles morrer.

Homero compôs a sua segunda epopéia um tanto tarde em sua vida e poucas dúvidas existem de que ele se identificou com o seu atilado herói, cuja curiosidade intelectual constantemente o mete em apuros. Odisseus — ou Ulisses, em sua forma latinizada mais familiar — dirige-se à pátria depois de planejar o famoso estratagema do cavalo de pau que conquistou Tróia. A sua viagem de 10 anos de volta a Ítaca e à sua fiel espôsa, Penélope, é repleta de obstáculos, e a sua capacidade de sair das situações mais aterradoras nos cativa.

Ficamos sabendo que deixou Tróia

em chamas com os sobreviventes da sua unidade e como, a princípio, eles viveram de pirataria. Depois de visitar a terra encantada dos Lotófagos, chegou à nação proibida dos Ciclopes, onde engana Polifemo, o monstro de um olho só. Batido pela tempestade, vagou pelo mar vasto, escuro como vinho. «Ele viu cidades de muitos homens, conheceu suas mentes e sofreu muitas atribulações em sua alma no mar», diz Homero do seu herói. Ulisses encontra a feiticeira Circe, que transformou metade dos seus companheiros em porcos, e teria feito o mesmo com ele se não a tivesse vencido com uma erva mágica. Continuou então a viagem, passando pelas Sereias, cujo canto sedutor atraía os marinheiros para a perdição. Mas Ulisses, prudentemente, tapou com cêra os ouvidos dos seus remadores e mandou que o amarrassem ao mastro. Agrada-me a idéia de que uma expressão de Ulisses cruelmente pôsto à prova exprime o próprio credo arrogante do autor: «Eu agüentarei, pois tenho no peito um coração que pode suportar o tormento.»

Através dos séculos, pessoas têm tentado traçar a rota de Ulisses através do Mediterrâneo, e hoje são mostrados aos turistas pontos característicos como as terras dos Ciclopes e a rocha de Circe. Acredite, com restrições. Até a moderna Ítaca, uma ilha minúscula na costa ocidental da Grécia, mostra pouca semelhança com o reino do nosso herói. O poeta misturou tranqüila-

mente fatos e ficção e a sua magnífica história de aventuras não se prende aos fatos.

Era preciso um artista conhecedor da vida em todos os seus aspectos para criar êsses poemas. É claro que Homero passou muitos dos seus dias com pastôres, lavradores, carpinteiros e ferreiros, observando o seu trabalho ou ouvindo as suas conversas enquanto bebiam vinho tinto. A maior parte das suas celebradas imagens são retiradas da vida quotidiana. Os gregos que enxameavam pelas planícies de Tróia lembram ao poeta «môscas zumbindo no curral, na primavera, quando os baldes estão transbordantes de leite». Êle sabe temperar o bronze, fazer queijo, construir uma balsa. Viu feras atacarem um rebanho. Mas o que conhece mais intimamente é o mar, do qual fala repetidamente, com profunda paixão. Êle foi colhido em muita tempestade perigosa, compartilhando a vida arriscada dos pescadores das ilhas.

O amor ao homem comum está no cerne da sua obra, e é como poeta do povo que êle foi aclamado.

Os marinheiros e a gente simples do interior, que foram dos primeiros a ouvir os menestréis declamarem o seu poema, podiam reconhecer-se em muitos dos seus personagens menos importantes descritos carinhosamente. Em breve as obras de Homero se tornaram a Bíblia dos seus compatriotas, declamadas em tôdas as aldeias, adotadas como livros didáticos padrões nas escolas. No grande festival nacional realizado cada quatro anos em Atenas, o regulamento exigia um recital completo tanto da *Iliada* quanto da *Odisséia* por equipes de declamadores que deveriam revezar-se na representação. Numa Grécia fragmentada por montanhas e mar, Homero tornou-se uma fôrça aglutinadora que ajudou a criar uma nação.

Homero sabia que estava escrevendo para a Eternidade? Talvez. Levando-nos ao interior da cidadela de Príamo, o autor da *Iliada* dá-nos uma visão rápida de Helena, razão de todo o problema. «Daqui para o futuro», suspira ela, «cantarão sôbre nós para gerações que ainda estão por vir.»



ASSIM QUE se terminou de cobrir o prédio do nôvo mosteiro, Frei Thomas pediu à companhia telefônica que mudasse o local do aparelho temporário. A funcionária da companhia começou a sua conversa de vendedora sugerindo que se deixasse o telefone onde estava e mandasse instalar uma extensão no nôvo local.

«Bem, minha senhora», respondeu Frei Thomas, «mais tarde provavelmente precisaremos de extensões, mas no momento ficaria grato se mandasse retirar êste telefone. Estou falando de cima de uma árvore.»

— C. A. M.